

**(José Cruciano de Araújo
é professor aposentado
pela Escola de Engenharia
da UFG, onde lecionava
disciplinas jurídicas, é ex-
Reitor da instituição e foi
deputado federal em
1963,
pelo PSD)*

A EXTENSÃO E A AÇÃO CULTURAL NA UFG

José Cruciano de Araújo*

Desde quando ocupava a 1ª Sub-Reitoria na operosa e dinâmica Administração do Reitor Paulo de Bastos Perillo, passei a me preocupar com a política de extensão e interiorização da Universidade Federal de Goiás.

Uma vez que a Instituição devia exercer importante função sócio-cultural em todo o território do Estado, entendia, de igual modo, que a ela cabia apoiar, em Goiânia e noutros municípios, as entidades de ensino de 3º grau, mantidas pela iniciativa particular, leigas ou religiosas.

A colaboração, longe da idéia de concorrência, constituiria uma linha de ação complementar para que viessem a alcançar os objetivos comuns, em proveito de toda a sociedade.

Muitas vezes, com aproveitamento mútuo, por exemplo, na oferta de cursos de treinamento e aperfeiçoamento pedagógico aos professores dessas entidades, oportunidade em que se utilizariam, reciprocamente, das instalações, aparelhos e laboratórios disponíveis apropriados ao ensino e à pesquisa.

Tal política, já naquela época, não devia limitar-se à capital, que possuía uma razoável estrutura universitária, mas estender-se a outras cidades do Estado, sedes de região, localizadas no Norte (O Estado do Tocantins ainda não existia), no Sul, no Sudeste e no Sudoeste. Era preciso, entretanto, não esmorecer as iniciativas locais, em que a própria sociedade, liderada por denodados e heróicos educadores, se incumbira de criar e manter cursos de nível superior. Cito os exemplos de Rio Verde e Anápolis.

Por essa época, no período de 1973/1977, já estava consagrado o conceito de que a universidade brasileira devia assentar-se no tripé: ensino, pesquisa e extensão. Com tais objetivos, ou sob a égide de tal compreensão, a UFG realizava, nesse tempo, atividades extensionistas em alguns campos de

trabalho.

Mencionem-se os programas de Firminópolis - São Luiz dos Montes Belos, através do Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária - CRUTAC; os do Grupo Tarefa Universitário - GTU; os de Porto Nacional, onde estagiavam os concluintes do curso de Medicina; e os do Campus Avançado de Picos, Estado do Piauí, com apreciáveis atividades, nos moldes de outros mantidos pelas universidades brasileiras que aderiram ao Projeto Rondon.

Importante destacar, durante o reitorado do prof. Paulo de Bastos Perillo, o que se fez, no corolário ensino-extensão, nas ações conjuntas UFG/ Faculdade de Educação/ Secretaria da Educação do Estado de Goiás, visando à formação de professores, em cursos de licenciatura curta, mantidos em vários municípios, com recursos financeiros do PREMEN.

Para isso foram valiosas as instalações, já existentes, dos Centros de Formação e Treinamento dos Professores, do mesmo modo que as dos Centros Integrados de Educação, mais conhecidos como Escolas Polivalentes, concebidos e construídos na gestão do dep. Hélio Mauro Umbelino Lobo, na Secretaria estadual de Educação, da qual fui seu Coordenador-Geral do Ensino até o dia em que passei a ocupar a referida sub-reitoria na UFG.

Estes Centros Integrados de Educação viriam, mais tarde, a se transformar em Escolas Técnicas, como ocorreu com o de Jataí.

Ao assumir a Reitoria, em 19/ dez/1977, a minha preocupação, naquela quadra agitada da vida brasileira, era a consolidação da UFG em todos os aspectos e segmentos, de modo a que pudesse, com maior amplitude, desempenhar as funções que lhe eram inerentes. Assim

é que, no item sobre a Extensão e a Cultura, fiz constar do meu programa de metas os pontos seguintes:

-promover a ação comunitária e o envolvimento da sociedade com vistas ao atendimento das necessidades da Universidade no que se refere ao funcionamento dos sub-sistemas de ensino e pesquisa e, ainda, uma resposta aos anseios e necessidades sociais;
-consolidar os programas de estágios, cursos, difusão cultural, CRUTAC, campi avançados, prestação de serviços, ação comunitária e outras que assegurem um relacionamento permanente da Universidade com o meio;
-implantar o órgão supervisor e coordenador das atividades de extensão.

-expandir os serviços de biblioteca, museus, exposições, cine-arte, rádio, teatro, coral e outros.

Duas medidas iniciais foram importantes: I- a extinção das duas Sub-Reitorias primitivas, substituídas pelas cinco Pró-Reitorias, dentre elas a de Extensão, destinada não só para coordenar as atividades propriamente extensionistas, como também para exercer uma política de ação cultural; II- a designação da professora Maria do Rosário Cassimiro para chefiar a nova pro-reitoria, cujo dinamismo e eficiência já conhecia de trabalhos anteriores, quer os que prestara no âmbito da antiga 1ª Sub-Reitoria quer em outros setores ligados à Educação, dentro e fora da Universidade.

Operosa e tenaz, contou com o meu total apoio, mostrando-se re-

«No período de 1973-1977, já estava consagrado o conceito de que a universidade brasileira devia assentar-se no tripé: ensino, pesquisa e extensão. Com tais objetivos, ou sob a égide de tal compreensão, a UFG realizava, nesse tempo, atividades extensionistas em alguns campos de trabalho.» José Cruciano de Araújo

ceptiva quando a convenci de que as atenções maiores da política de extensão da UFG deveriam voltar-se mais para as ações dentro do território goiano, já que o seu entusiasmo maior estava, antes, concentrado no Campus Avançado de Picos, Piauí.

Em conseqüência, o meu reitorado, em um trabalho conjunto e harmônico com as demais Pró-Reitorias e as diretorias das Unidades acadêmicas e respectivos departamentos, além do acompanhamento efetivo dos Conselhos Superiores da Universidade, pôde atingir, nesse setor, uma soma considerável de realizações, dentro dos objetivos por mim preconizados.

Seria longo e cansativo enumerar todas elas. Por isso, aconselho a quem tiver interesse uma consulta no Relatório do meu reitorado (1978-1981), págs. 206/264, nas quais figura quase todo o elenco do que foi feito, então, pela Pró-Reitoria de Extensão. Disse quase, porque o relatório não alcança os últimos meses do meu mandato e é omissivo quanto a alguns fatos, por exemplo, a extensão do curso de Direito à cidade de Goiás, para o qual se realizou, antes de encerrado o ano de 1981, o concurso vestibular para a primeira turma.

Para não me alongar mais, já que o espaço é curto, citarei como pontos altos, atingidos pela Universidade, naquele quadriênio, as ações concernentes aos setores da Extensão e da Cultura:

1. A criação dos campi avançados de Porto Nacional, Jataí, Firminópolis e Catalão, os dois primeiros implantados, funcionando em instalações próprias, doadas pelas prefeituras locais e incorporadas ao patrimônio da Universidade. O terceiro, que viria substituir o CRUTAC, estava já aparelhado para funcionar como um novo campus. Quanto ao de Catalão, restava só a assinatura do convênio com a Prefeitura local, e interveniência do governo do Estado, para ser implantado definitivamente.

2. Estudos para a criação do campus de Araguaína, no então extremo norte de Goiás, com minuta de convênio entre a UFG e a Prefeitura já aprovada pela Câmara Municipal e o Conselho Coordena-

dor de Ensino e Pesquisa.

3. A criação, no âmbito da Pró-Reitoria, de uma Coordenadoria de Ação Cultural, através da qual se efetivaram as metas seguintes: a) instituição do Teatro Universitário, em 1980, tendo um grupo de universitários levado a cena várias peças, com significativo sucesso. Foi muito importante a participação do vitorioso teatrólogo Hugo Zorzetti; b) a formação de um Ciclo de Concertos, com o apoio do Instituto de Artes, ocasião em que houve a apresentação de 10 espetáculos nesta capital e em outras cidades; c) a organização do setor "Documentação das Manifestações Folclóricas de Goiás" e a promoção de uma atividade relacionada com a técnica de tecelagem em uso no Estado, uma e outra com o apoio do Departamento de Comunicação Social do ICHL; d) e a ativação de um Grupo de Danças, envolvendo os alunos da Universidade, com apresentações em Goiânia e nos *campi* avançados do interior.

4. A realização de outros compromissos, de valor expressivo, tais como o *Projeto Itatiaia*, os Cursos de Extensão, os Seminários integrados, as Jornadas Científicas, os trabalhos de integração Universidade/ Empresa/ Governo.

Num âmbito maior, extrapolando os limites da Pró-Reitoria, mas de resultados extraordinários no campo da Cultura, não se pode esquecer do que ainda se fez na Universidade durante aqueles quatro anos:

I – A implantação da Editora, da qual se incumbiu o grande mestre e notável médico, prof. Jofre Marcondes de Rezende, legandonos um acervo de edições próprias assim distribuídas: periódicos, 15 fascículos; títulos diversos, 13, sobre os mais diferentes ramos do conhecimento; teses universitárias, 12; e a coleção "Documentos goianos", 08 títulos. O êxito da nossa Editora deve-se, também, à ampliação e reaparelhamento do parque gráfico efetivados nessa época.

II – A retomada da área contígua ao Lago das Rosas, em Goiânia, o que permitiu a instalação no local, em novas acomodações e com novos recursos técnicos, o Museu Antropológico e a Rádio Universitária. Recorde-se o impulso dado, nesse tempo, aos trabalhos de pesquisa arqueológica, sob o comando do saudoso professor e grande

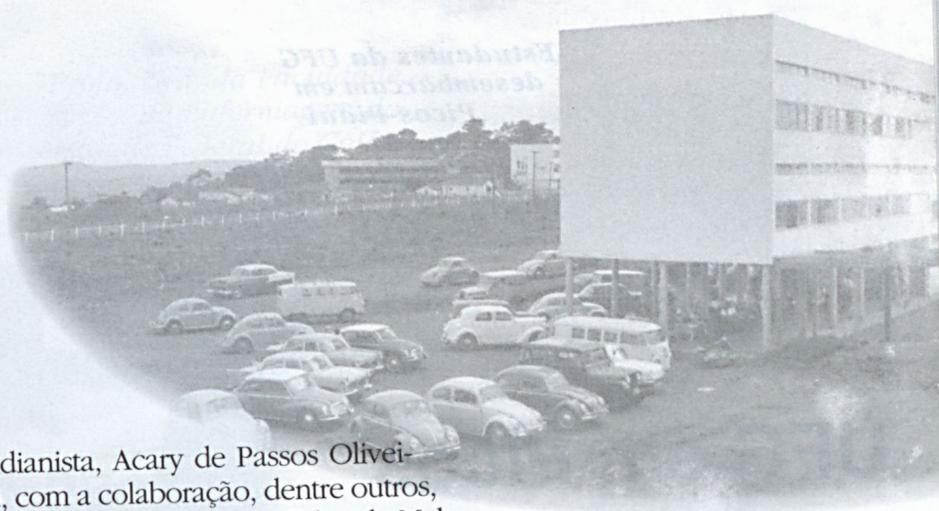
indianista, Acary de Passos Oliveira, com a colaboração, dentre outros, das eméritas professoras Edna de Melo Taveira, Marcolina Garcia e Iluska Simonsen, dentre outros.

III – Sob a sábia direção da professora e escritora Marieta Teles, a ampliação da Biblioteca Central, mediante a aquisição de um apreciável número de títulos e o aumento de sua área física na praça Universitária. Foram adotados alguns serviços essenciais, tais como o de empréstimo domiciliar, comutação hemerográfica, reprografia, do mesmo modo que se dilatou o horário de seu funcionamento. O Relatório a que me referi linhas atrás, na seção própria da Biblioteca, pormenoriza outros itens a ela relativos como importante instrumento da pesquisa acadêmica e de promoção cultural.

IV – A fundação da Orquestra Sinfônica da Universidade Federal de Goiás pelo Instituto de Artes, liderado por essas duas extraordinárias artistas Belkiss Spenziere Carneiro de Mendonça e Maria Luísa Póvoa e Cruz, responsáveis pela escolha dos instrumentos adquiridos, a contratação dos músicos que se juntariam aos que já pertenciam ao quadro de professores do Instituto e a indicação do competente compositor e maestro Joaquim Thomaz Jayme, sob cuja batuta se conduziria a Orquestra. Guardo em casa reportagem ilustrada sobre a primeira apresentação da Orquestra.

V – A demonstração de muito carinho e zelo pelo Coral da Universidade, de tantos êxitos em suas apresentações, dentro e fora de Goiás, sob a regência da querida e festejada maestrina *Fifia*, de nome oficial Maria Lucy da Veiga Teixeira.

Muitas outras coisas teria para falar sobre esse ângulo da Universidade Federal de Goiás, que nunca imaginei viesse um dia a dirigir, mas à qual, apesar dos tumultuosos tempos vividos pelo povo brasileiro, em plena enriquecedora fase da descompressão política, dediquei-me ardorosamente e dela saí com a consciência do que muito foi realizado e com a vaidade de ter recebido, inclusive, os aplausos dos estudantes, representados pelo então vibrante e destemido DCE.



*Estudantes da UFG
desembarcam em
Picos-Piauí*



UFG em Picos

Na UFG, a extensão teve início, com a inclusão da instituição no Projeto Rondon, criado em 1967 pelos militares com o objetivo de levar os estudantes universitários a outras regiões do país para que pudessem conhecer melhor a realidade nacional. De 1972 a 1984, a UFG manteve um Campus Avançado em Picos, Piauí, uma das regiões mais pobres do Nordeste naquela época.

Em Picos, professores e alunos prestaram importantes serviços à comunidade, além de terem aprendido muito com a cultura daquela cidade. Segundo a professora Maria do Rosário Cassimiro, primeira Pró-Reitora de Extensão e Cultura da instituição, as atividades foram importantes também porque eram uma forma de a universidade testar seus ensinamentos, uma vez que o aluno prestava serviços à comunidade e era avaliado por ela.

As atividades prestadas pela UFG, em Picos, abrangiam desde serviços médicos até cursos de atualização e capacitação profissionais. Quando lá se instalou o campus da UFG, o único hospital público regional estava em estado precário. Mas, em 1984, quando a universidade deixou a região, ele já era tido como um dos melhores do Nordeste.

“A UFG teve muita responsabilidade nessa transformação”, afirma Cassimiro. Uma das contribuições de Goiás nesse sentido foram as “Jornadas Médicas”, cursos g r a -

tuitos de atualização oferecidos aos médicos de Picos.

Na área da educação, A UFG também prestou excelentes serviços, como os vários cursos de reciclagem que ofereceu aos professores das redes estadual e municipal de Picos. Segundo a professora Cassimiro, “não teve nenhum professor que não tivesse passado pela reciclagem da Faculdade de Educação”.

Dificuldades

Foram inúmeras as dificuldades que professores e alunos enfrentaram na região de Picos, principalmente em relação ao contato com os habitantes locais. Em 1972, o Estado de Piauí era totalmente carente em termos de infra-estrutura. Era difícil a comunicação com o restante do País, devido a ausência de rodovias e meios de comunicação. Tratava-se de uma região constantemente atingida por secas e situada dentre as mais pobres do País.

Segundo a professora Cassimiro, muitas lideranças políticas não acolheram a iniciativa e, por isso, o campus resultou numa imposição. “O Campus Avançado permaneceu durante um bom tempo como um quisto encravado

na comunidade Picoense”.

Reconhecimento

O principal retorno da extensão realizada em Picos para a UFG foi o reconhecimento dos moradores daquela região e a satisfação dos alunos por terem prestado serviços tão importantes para aquela comunidade. Muitas pessoas disseram mais tarde que chegaram até mesmo a mudar seus valores morais e passaram a se sentir mais maduros.

Motivada pela reviravolta cultural que a extensão provocou em Picos, a população local, que inicialmente via os acadêmicos como seres “estranhos”, foi finalmente cativada, passando a considerá-los como importantes aliados. Nesta fase, a familiaridade já era tão grande, que bastava o diretor do Campus solicitar à Prefeitura alguma providência sobre as necessidades da comunidade, que esta se prontificava a resolver o problema. “Foi com o trabalho de Picos, mesmo com seus erros e desacertos, que a UFG aprendeu a fazer extensão”, observa Cassimiro. “O melhor laboratório que existe é a comunidade. É importante que o aluno conheça bem essa comunidade”, acrescenta.

**Estudantes
participam
do
Projeto
Rondon**

